

A extensão universitária em uma perspectiva de discentes de cursos das áreas tecnológicas

The university extension in a perspective of students of courses in the technological areas

Autores:

Wagner Ragi Curi Filho. Professor do Departamento de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Ouro Preto.

Ouro Preto, MG, Brasil.

Email: wagner@ufop.edu.br

Ana Beatriz Oliveira Silva. Estudante de Serviço Social, Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, MG, Brasil.

Email: ana.bos@aluno.ufop.edu.br

Laura Gomes Fernandes. Estudante de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, MG, Brasil.

Email: laura.fernandes@aluno.ufop.edu.br,

Marna Lais Bride Ventura. Estudante de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, MG, Brasil.

Email: marna.bride@aluno.ufop.edu.br

Edgard Gregory Torres Saravia. Professor do Departamento de Engenharia Elétrica, Universidade Federal de Ouro Preto.

Ouro Preto, MG, Brasil.

Email: edgard@ufop.edu.br

Recebido em: 08/03/2022 **Aprovado em:** 23/05/2023

DOI: 10.12957/interag.202265849

Artigo

Resumo

Este artigo apresenta um diagnóstico sobre como discentes extensionistas de cursos das áreas tecnológicas compreendem a extensão universitária e suas diretrizes, a saber: dialogicidade; interprofissionalidade, indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; impacto na formação do estudante e impacto na transformação social. Para realização do trabalho foram analisadas 40 respostas de estudantes que participaram de ações de extensão no ano de 2020. Os estudantes responderam um questionário composto por perguntas

Abstract

This article presents a diagnosis on how extension students of courses in the technological areas understand university extension and its guidelines, namely: dialogicity; interprofessionalism, inseparability between teaching, research and extension; impact on student training and impact on social transformation. To carry out the work, 40 responses from students who participated in extension actions in 2020 were analyzed. The students answered a questionnaire composed of objective questions and a field for comments.

objetivas e um campo para comentários. Todos os respondentes eram alunos de uma unidade acadêmica de cursos das áreas tecnológicas de uma universidade pública brasileira, situada no interior de Minas Gerais. As respostas foram agrupadas em nove blocos conforme organização do questionário, estruturado de forma progressiva à sua aplicação. Os resultados sugerem que a prática efetiva da dialogicidade ainda é um grande desafio para os estudantes, embora a comunicação seja de grande preocupação para os respondentes. Buscar desenvolvimento pessoal e técnico é uma das principais motivações para a participação de ações de extensão, apesar do foco no impacto na transformação social. Melhorar a comunicação deve ser um dos objetivos da gestão da extensão universitária, pois os meios institucionais não alcançam sequer a comunidade acadêmica, ainda que as redes sociais tenham ampliado esse alcance.

All respondents were students from an academic unit of courses in the technological areas of a Brazilian public university, located in the interior of Minas Gerais. The answers were grouped into nine blocks according to the organization of the questionnaire, carried out prior to its application. The results suggest that the effective practice of dialogicity is still a major challenge for students, although communication is of great concern to respondents. Seeking personal and technical development is one of the main motivations for participating in extension actions, despite the great concern with the impact on social transformation. Improving communication should be one of the objectives of university extension management, as institutional means do not even reach the academic community, although social networks have expanded this reach.

Palavras-chave: Diagnóstico; Percepção dos Estudantes das Áreas Tecnológicas; Diretrizes da Extensão; Gestão da Extensão

Keywords: Diagnosis; Students' Perception of Technological Areas; Extension Guidelines; Extension Management

Área Temática: Educação

Linha Temática: Gestão institucional

A gestão das atividades finalísticas de uma universidade constitui-se como objetivo de estudo de vários trabalhos. Há, por exemplos, estudos que tratam do planejamento estratégico das Instituições^{1,2,3}. Outros tratam da gestão dos cursos de graduação e pós-graduação^{4,5,6}. Há aqueles artigos que debatem a gestão da pesquisa^{7,8,9}. Outros debatem a gestão da extensão universitária^{10,11, 12} ou a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão^{13,14}.

Este trabalho possui foco na gestão da extensão na medida em que apresenta um diagnóstico da percepção dos estudantes extensionistas de cursos das áreas tecnológicas sobre a extensão universitária. Diagnósticos são as primeiras etapas de um processo de gestão^{15,16}. Assim, entender como os discentes enxergam a extensão, pode contribuir para a melhoria da gestão da extensão universitária.

Tendo em vista que, tradicionalmente, cursos das áreas tecnológicas não possuem em suas estruturas curriculares, debates sobre aspectos sociais e/ou a importância da

dialogicidade nos processos educacionais¹⁷, este diagnóstico pode trazer respostas importantes para a gestão da extensão universitária no sentido de: compreender se as diretrizes estão ou não sendo cumpridas; perceber quais são as dificuldades atuais e; perceber quais são as práticas exitosas que vem ocorrendo nas ações. Os órgãos responsáveis pela gestão da extensão universitária, devem, especialmente, para os cursos das áreas tecnológicas buscar respostas para perguntas tais como: "Para quê e para quem serve a extensão universitária? Como esses estudantes enxergam as diretrizes da extensão previstas na Política Nacional de Extensão Universitária¹⁸?" Afinal, o desafio da expansão existe, na quantidade de ações a serem executadas, mas também na realização dessas ações em uma perspectiva emancipadora¹⁹.

Ademais, embora a extensão possa ser entendida como um mecanismo de formação, especialmente em um momento no qual os cursos de graduação no Brasil estão se adaptando ao processo chamado curricularização da extensão (momento no qual todos os cursos de graduação devem inserir em suas estruturas curriculares 10% de carga horária de extensão), é também um mecanismo de impacto na transformação social. Nesse sentido, pensar a extensão universitária como um mecanismo de formação e, ao mesmo tempo, de transformação social, é um desafio complexo e importante, visando a uma educação transformadora^{20,21} e contextualizada.

Métodos

Considerando que o objetivo deste trabalho é apresentar um diagnóstico sobre como estudantes das áreas tecnológicas que participam de ações de extensão compreendem os conceitos e as diretrizes da extensão universitária, realizou-se uma pesquisa de caráter exploratório, descritivo e quanti-qualitativa²².

Exploratório na medida em que o trabalho realizou coleta dados primários a partir de questionário em um ambiente ainda não estudado, embora estudos similares em outra populações e contextos já tenham ocorrido^{23,24,25}.

Descritivo e quantitativo na medida em que o trabalho apresenta estatística descritiva das repostas dos discentes que responderam aos questionários. E qualitativo, uma vez que as categorias de respostas foram construídas qualitativamente, de forma pregressa aos resultados, a partir da compreensão da literatura e das experiências dos autores sobre a extensão universitária. Ademais, o trabalho apresenta proposições, construídas a partir dos dados identificados corroborando para um caráter qualitativo do trabalho.

População, amostragem e coleta de dados

O estudo apresentado neste trabalho foi realizado em uma unidade acadêmica que possui cerca de 1300 alunos de graduação, distribuídos em quatro cursos de graduação das áreas tecnológicas, além de um curso pós-graduação, no campo da engenharia. Esta unidade acadêmica existe há pouco mais de 20 anos e é a única unidade acadêmica de um campus fora de sede de uma universidade pública brasileira do estado de Minas Gerais. A cidade na qual está localizada a unidade acadêmica onde foi realizado este estudo possui aproximadamente 80 mil habitantes. Dos 1300 estudantes de graduação, cerca de 10% participavam de ações de

extensão no ano de 2020, quando foram coletados os dados dessa pesquisa. Os estudantes participaram de ações de extensão de áreas variadas. Em 2020, a unidade acadêmica em que se realizou a coleta de dados, possuía 7 programas de extensão e 39 projetos atuando nas áreas: Comunicação e Arte (1 projeto); Direitos Humanos, Justiça e Meio Ambiente (3 projetos); Educação (18 projetos); Saúde (3 projetos) e; Trabalho, Tecnologia e Produção (14 projetos).

Tendo em vista que a intenção do trabalho é identificar a compreensão dos estudantes que participam de ações de extensão, calculou-se a amostra a partir de uma população conhecida de 130 estudantes. Considerando um erro de 10% a amostra necessária seria de 57 estudantes. No entanto, embora tenham ocorrido três tentativas de coleta de dados em um período de três meses (entre setembro e novembro de 2020), obteve-se 40 respostas. Portanto, a confiabilidade é de 83%. Os formulários foram enviados por correios eletrônicos.

O questionário foi elaborado e aplicado com apoio da ferramenta *Google Forms*. Sua estrutura era composta de nove blocos de perguntas, a saber: 1) formação e identificação do estudante; 2) compreensão sobre as diretrizes da extensão universitária; 3) concepção da ação; 4) comunicação entre discentes e coordenação da ação; 5) comunicação entre membros da ação e comunidade; 6) avaliação da ação da extensão; 7) dificuldades na realização da ação; 8) execução da ação durante a Pandemia em razão da COVID-19 e; 9) relação e conhecimento sobre a extensão da universidade. Este último bloco, além de perguntas objetivas, continha um espaço para comentários gerais, permitindo aos estudantes apresentarem suas impressões do questionário, da pesquisa e da extensão de uma maneira geral.

Resultados

Esta seção apresenta os resultados em breve análise das respostas dos discentes que participaram de ações para cada um dos nove blocos de perguntas.

Formação e identificação do estudante

Dentre as respostas, foi possível observar que há participação de estudantes de todos os quatro cursos de graduação da unidade analisada, sendo o desvio padrão da distribuição de estudantes aproximadamente de 9%, como observado na Figura 1 na qual também pode ser observado que a maioria dos estudantes, 79%, ingressaram na universidade entre 2017 e 2020 e iniciaram sua participação na ação de extensão antes da pandemia em razão da COVID-19. O questionário identificou também, raça, idade e gênero dos estudantes. Pode ser observado que a maioria dos estudantes é composta por homens (68%), pardos (50%) e possuem entre 18 e 25 anos.

Compreensão sobre as diretrizes da extensão universitária

O segundo bloco de perguntas realizadas junto aos discentes buscou identificar seus conhecimentos sobre o conceito de extensão e sobre as diretrizes da extensão universitária. As respostas apresentaram que 38% discentes não tinham nenhum conhecimento dos conceitos da extensão antes do ingresso na ação e outros 62% dos discentes responderam que tinham conhecimento parcial acerca do assunto. Nenhum dos estudantes afirmou que, antes de participar da ação, não possuía nenhum conhecimento sobre extensão.

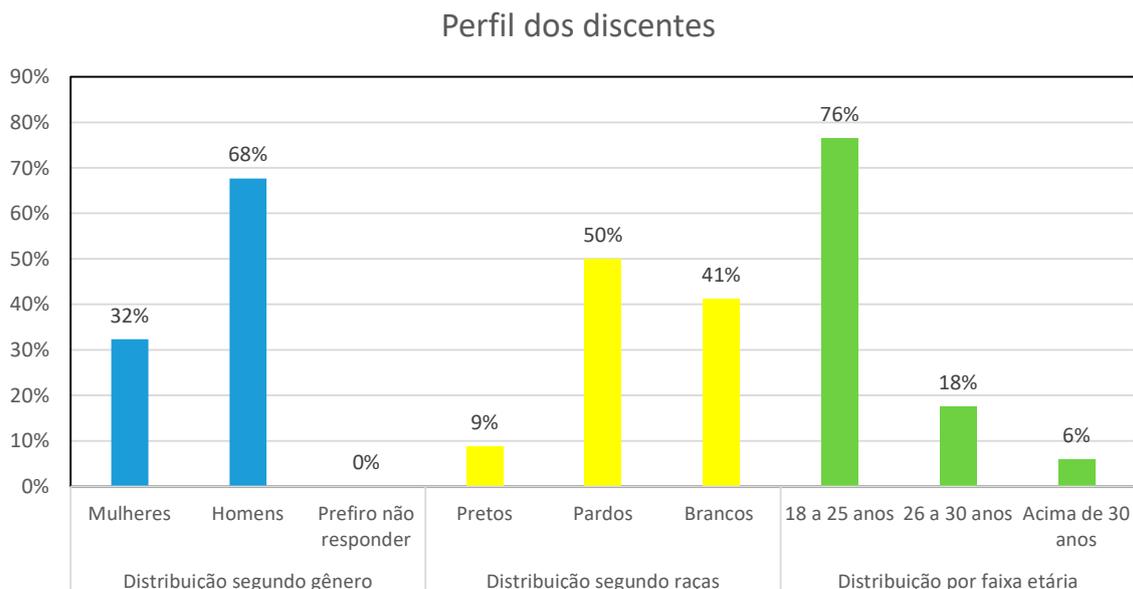


Figura 1 - Identificação e distribuição dos respondentes por gênero, raça e idade
 Fonte: elaborado pelos autores.

Nas três próximas perguntas, cujas respostas são apresentadas na Figura 2, os estudantes puderam marcar mais de uma opção, e por isso, a visualização fica melhor quando as informações são apresentadas na forma de número cardinal e não de percentual como utilizado nos gráficos apresentados na primeira figura.

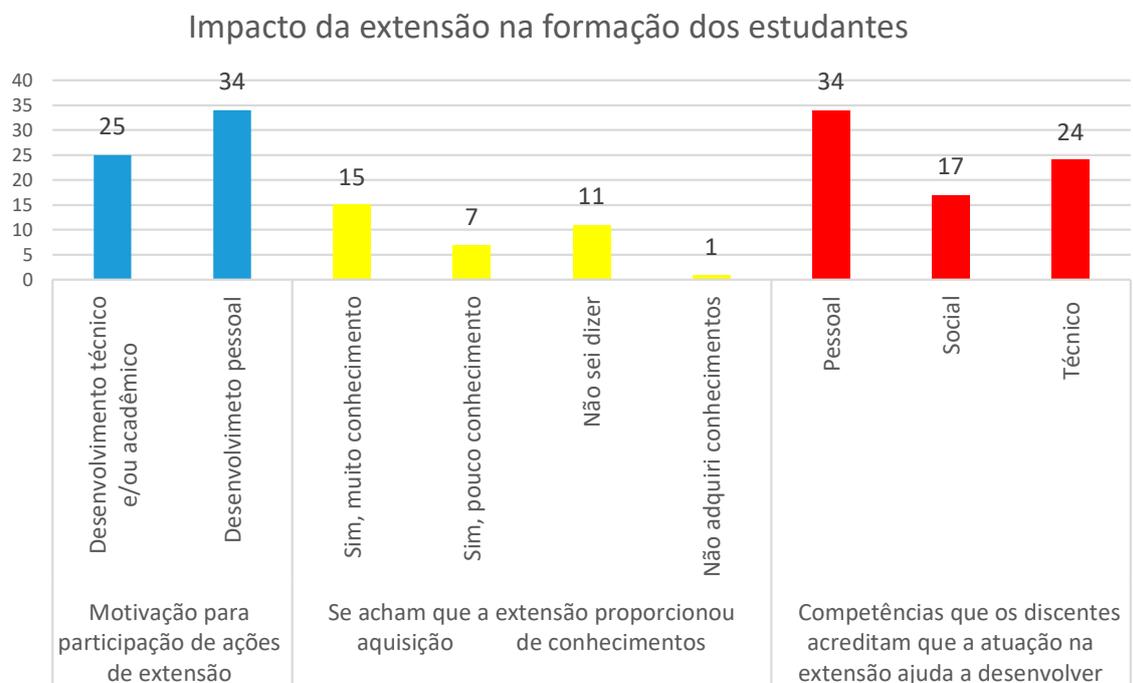


Figura 2 - Motivação e impacto da extensão na formação dos estudantes
 Fonte: elaborado pelos autores.

A primeira questão trata da motivação a qual os estudantes apontaram ter para participar de ações de extensão. Para esta pergunta, a maioria dos participantes respondeu que o desenvolvimento pessoal é uma das principais motivações para a participação em ações de extensão. É possível acreditar que essas respostas indicam que os estudantes veem o fato de a extensão permitir contato com realidades e cenários diversos, uma possibilidade para desenvolvimento de olhar crítico sobre a sociedade e suas necessidades.

A segunda questão buscou identificar o quão de conhecimento eles acreditam ter adquirido a partir da atuação em ações de extensão. Dentre as competências desenvolvidas mediante a atuação em ações de extensão, 24 discentes apontam que há o desenvolvimento técnico, 17 descrevem o aspecto social como uma grande importância. Houve um estudante que marcou que não adquiriu conhecimentos.

A terceira questão perguntou aos estudantes quais competências eles acreditavam que foram desenvolvidas a partir da participação em ações de extensão. Todos os discentes entendem a extensão como um desenvolvedor pessoal, agregando à formação acadêmica, à vivência técnica e o cotidiano da sociedade como um fator motivacional e impulsionador de mudanças.

Concepção da ação

O terceiro bloco de pergunta aos discentes foi relacionado à concepção da ação. A intenção das questões deste bloco era identificar se os discentes participam da concepção da ação e como se dá essa participação. Como as perguntas deste bloco foram realizadas de maneira que cada respondente pudesse marcar apenas uma opção, os dados voltarão a ser apresentados de forma percentuais. Foram duas perguntas, sendo que a primeira buscou identificar se o estudante participou da concepção da ação e a segunda em qual momento se deu essa participação. Conforme apresentado na Figura 3, 65% dos estudantes participaram, parcial ou integralmente, da concepção da ação. Todavia, outros 35% não participaram desse momento. Essas respostas são próximas, mas não totalmente coerentes aos dados apresentados na Figura 1 que apresentam os resultados para o questionamento sobre quando o discente começou a participar da ação.

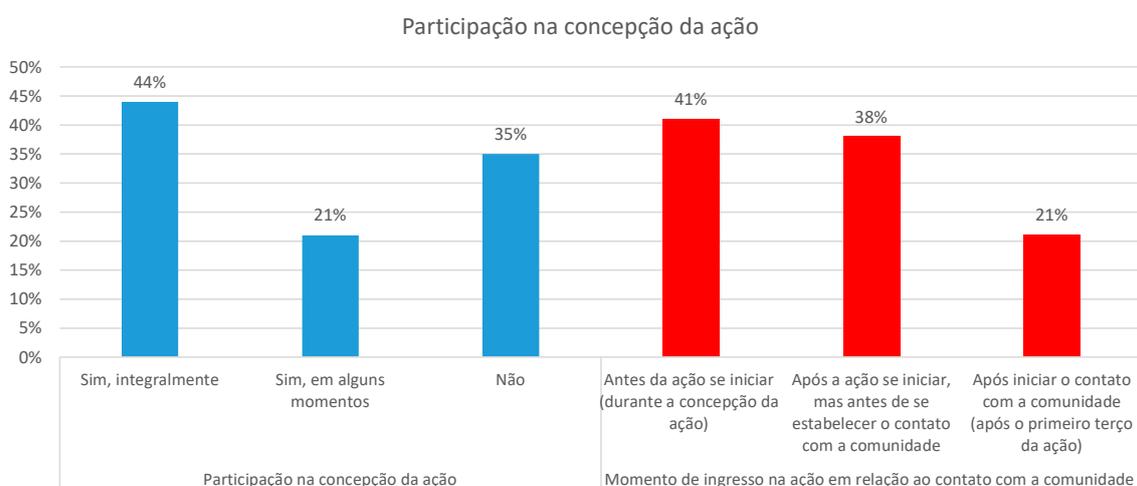


Figura 3 - Participação dos discentes na concepção da ação

Fonte: elaborado pelos autores.

Comunicação entre discentes e coordenação da ação;

Para compreender a comunicação entre os discentes e a coordenação da ação foram realizadas 3 perguntas: 1) Como você classifica a relação e o contato com o coordenador da ação? 2) Qual a periodicidade de conversa com o coordenador da ação? 3) Como você se comunicava com o coordenador da ação antes da paralisação em razão da pandemia? As respostas para essas perguntas foram sistematizadas e apresentadas em 3 gráficos que podem ser vistos na Figura 4.

Observa-se que 94% dos estudantes classificam que a comunicação realizada com a coordenação da ação é boa ou ótima e não há estudantes que marcaram ruim ou péssima para essa questão. Os dados indicam que, além de qualidade, os estudantes comunicam com a coordenação com frequência, 79% deles informaram que conversam com os coordenadores semanalmente ou mais de uma vez na semana. Um pequeno grupo de estudantes, 6%, informou que a comunicação ocorre mensalmente. Por fim, perguntou-se aos estudantes como se dava a comunicação antes da pandemia em razão da COVID-19. A pergunta foi realizada dessa forma, pois, acredita-se que, após o início da pandemia e a consequente suspensão das atividades presenciais, a comunicação se deu de forma remota. Portanto, para os estudantes que participam da ação antes da pandemia (7% informaram que não participavam), a comunicação era mesclada entre comunicação realizada pessoalmente e aplicativos de mensagens. Nenhum estudante afirmou que a comunicação se dava apenas por aplicativo de mensagens.

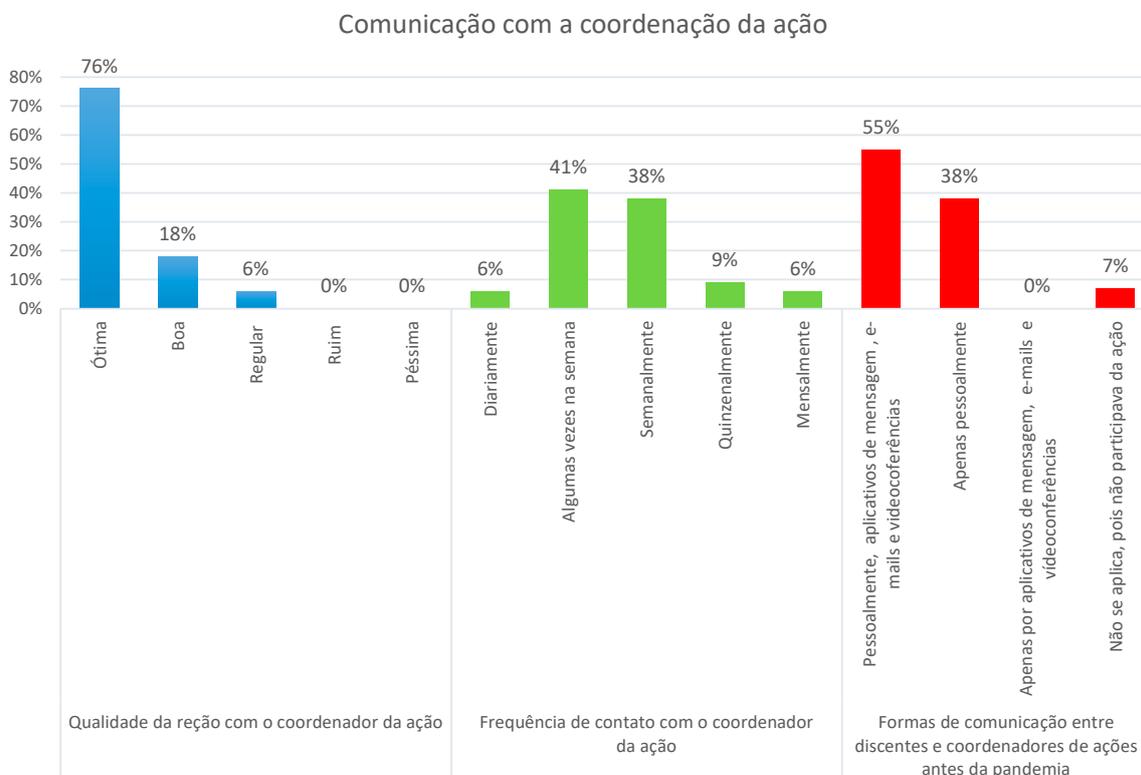


Figura 4 - Comunicação entre os estudantes e a coordenação da ação

Fonte: elaboração própria a partir dos dados coletados

Comunicação entre membros da ação e comunidade

Assim como para o bloco “Comunicação entre discentes e coordenação da ação”, o bloco “Comunicação com a comunidade” também foi estruturado a partir de 3 perguntas: 1) Como se dá o contato com a comunidade? 2) Qual a periodicidade de conversa com a comunidade? 3) Como vocês divulgam a ação de extensão?

Para a primeira pergunta, cujos dados são apresentados na Figura 5, os estudantes puderam marcar quantas opções se aplicasse à sua realidade, e por esse motivo, os dados são apresentados na forma nominal e não em percentuais. Esta pergunta gerou grande variedade de repostas. Todavia, há de se destacar que oito respostas colocam que a comunicação com a comunidade se dá apenas entre os coordenadores e a comunidade.

Para a segunda pergunta chama a atenção que apenas 18% dos estudantes entendem que a frequência de comunicação com a comunidade é alta. Para a maioria, 53%, a ação na qual participa possui frequência média. Outros 12% consideram que se comunicam com a comunidade com baixa frequência. A terceira pergunta buscou entender como a ação é divulgada. A maioria absoluta, 85%, aponta que as redes sociais são as principais formas de divulgação da ação para a comunidade.

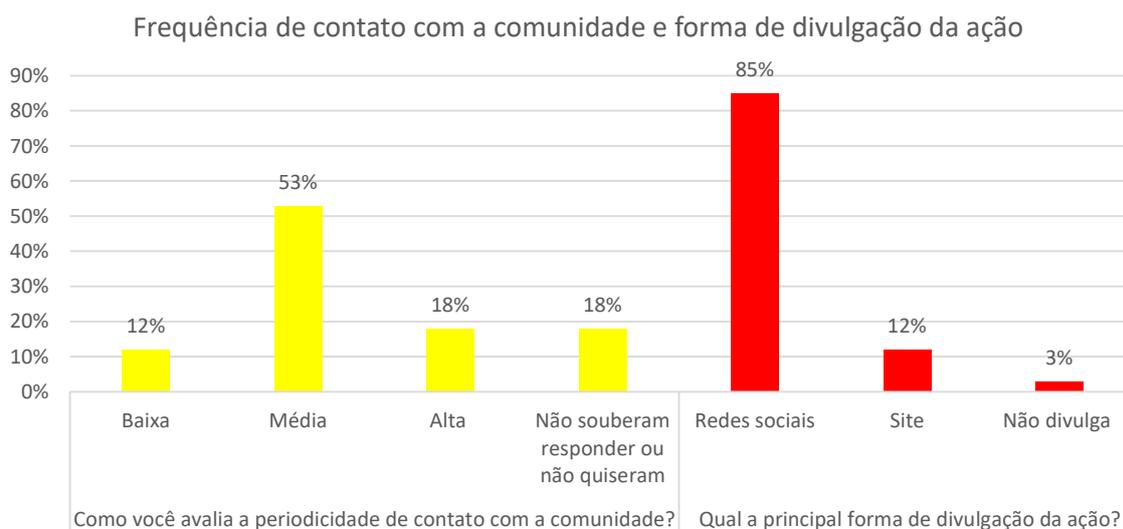


Figura 5 - Frequência de contato com a comunidade e formas de divulgação da ação

Fonte: elaborado pelos autores.

Avaliação da ação da extensão

A coleta de dados em relação a avaliação da ação foi dividida em três partes: avaliação geral, autoavaliação e avaliação da comunidade.

Em relação a avaliação geral, a maioria dos discentes apontam que são avaliados e que isso ocorre, no mínimo, uma vez ao mês, conforme apresentado na Figura 6. A maioria também, 59%, indicam que realizam autoavaliação. Todavia, chama atenção o fato de 41% dos estudantes responderem que não há autoavaliação. Considerando que 24% dos estudantes colocaram que não há uma avaliação na forma geral, pode-se considerar que algumas ações realizam formas de avaliação da ação, mas não fazem uma reflexão de seu próprio trabalho.

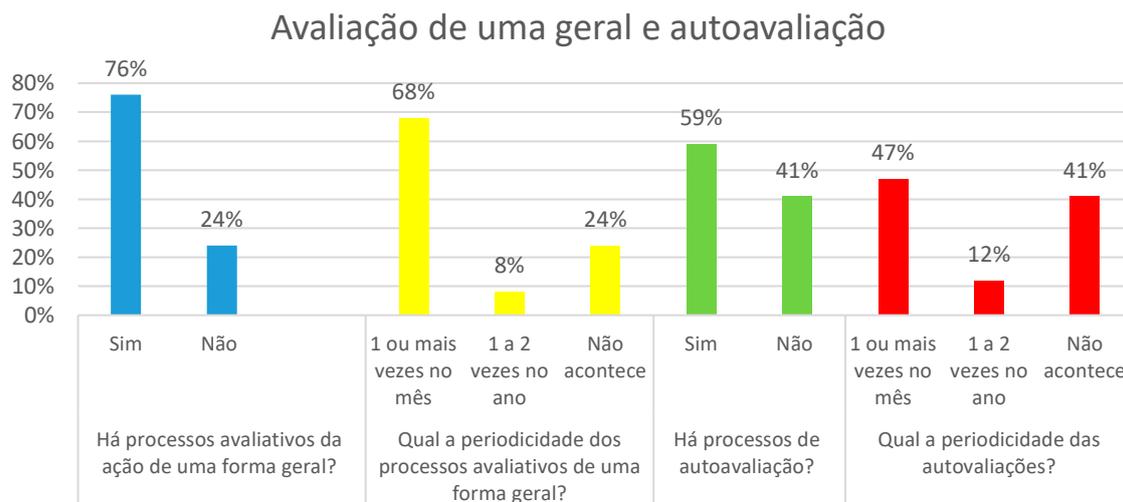


Figura 6 - Avaliação da ação e autoavaliação

Fonte: elaborado pelos autores.

Além da avaliação de uma forma geral e da autoavaliação, foi perguntado aos estudantes se a ação da qual eles participavam possui um processo avaliativo no qual a comunidade faz avaliações dos resultados da ação. Conforme apresentado na Figura 7, 71% responderam sim, a ação na qual participava realiza avaliações a partir da comunidade. Observa-se também que 44% dos estudantes responderam que essas avaliações ocorreram com frequência, no mínimo, mensal e 27% apontaram que as avaliações ocorreram semestral ou anualmente.

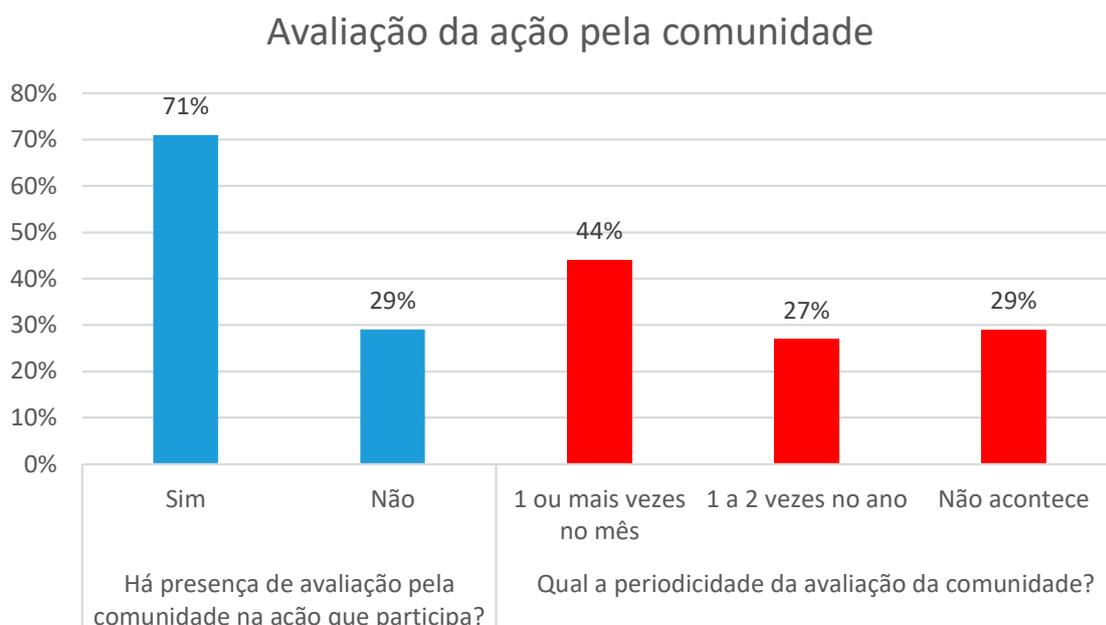


Figura 7 - Avaliação da ação pela comunidade

Fonte: elaborado pelos autores.

Ressalta-se que a submissão de ações de extensão aos editais internos da Instituição exige que o projeto da ação apresente como ocorrerão as avaliações da comunidade e, nesse sentido chama a atenção o fato de 29% dos estudantes apontarem que não há realização de avaliação da ação pela comunidade. Esta situação suscita um questionamento: como a ação está monitorando eventuais impactos na transformação social, se não há uma avaliação da comunidade?

Dificuldades na realização da ação

O bloco de perguntas sobre as dificuldades da ação foi dividido em duas partes, sendo: uma para constatar se há dificuldades na ação e outra para identificar quais seriam elas. Foi ressaltado que as respostas deveriam ser dadas pensando em dificuldades de uma forma geral que ocorreriam independentemente da existência da Pandemia em razão da COVID-19. Os resultados são apresentados na Figura 8, na qual pode se observar que 26% indicam que não há dificuldade e 59% indicam que há dificuldades, mas elas são poucas. Apenas 15% responderam que enfrentam muitas dificuldades para realizar a ação.

Para a pergunta que tipo seriam essas dificuldades, os estudantes puderam marcar mais de uma opção e, por isso, os resultados são apresentados com números cardinais e não em percentuais. Falta de adesão da comunidade e problemas relacionados à infraestrutura foram as respostas mais recorrentes, entretanto, há uma certa distribuição entre as repostas, pois o desvio padrão foi de 2,41.

Execução da ação durante a Pandemia em razão da COVID-19

Tendo em vista que a coleta de dados foi realizada em meio à Pandemia em razão da COVID-19, elaborou-se um bloco de perguntas que tentasse identificar: as dificuldades enfrentadas para execução da ação decorrentes do trabalho remoto; as oportunidades

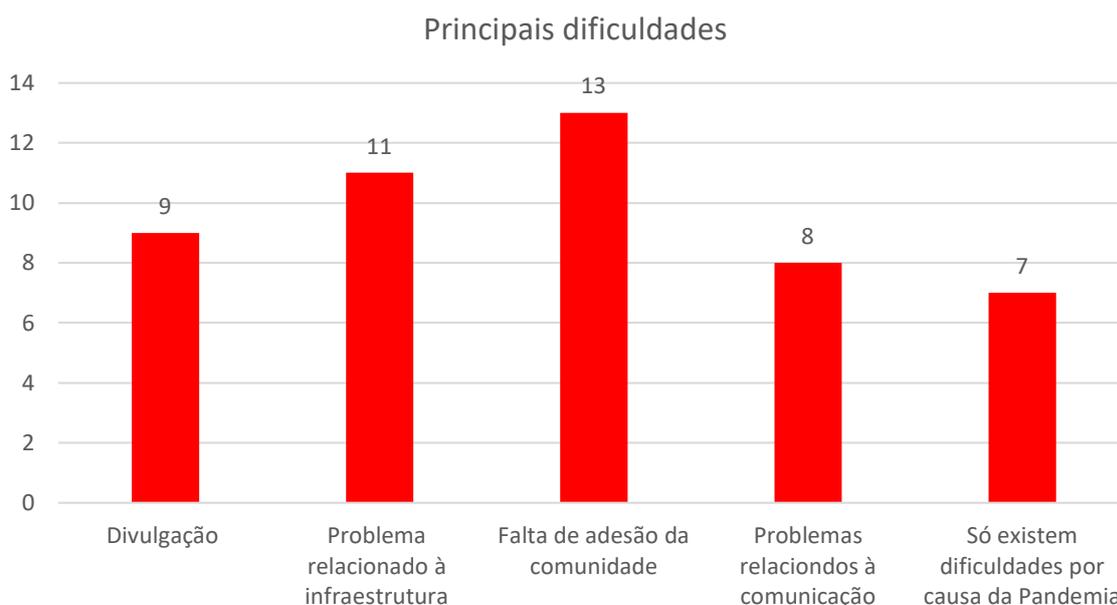


Figura 8 - Principais dificuldades na execução da ação

Fonte: elaborado pelos autores.

decorrentes de realizar a ação de forma remota; como se deu a comunicação entre os participantes da ação e; como se deu a comunicação entre os membros da ação e a comunidade.

As respostas para a pergunta sobre as dificuldades enfrentadas e as oportunidades decorrentes do trabalho remoto são apresentadas em números cardinais, visto que os estudantes puderam marcar mais de uma opção. Para as outras duas perguntas são apresentadas em números percentuais. A Figura 9 apresenta que 18 estudantes destacam a comunicação como principal dificuldade de realizar a ação na pandemia e outros 11, informaram que as ações não puderam ser executadas no período de isolamento social. Já sobre as oportunidades decorrentes da pandemia, 26 destacaram que houve aumento da visibilidade da universidade, o que possibilitará maior integração com a comunidade. Onze estudantes destacaram que as ações foram melhor divulgadas e alcançaram maior número de pessoas no modo remoto.

Ainda buscando compreender o funcionamento da ação durante a pandemia em razão da COVID-19, perguntou-se aos estudantes sobre como eles qualificavam a comunicação, entre os membros da ação e entre os membros e comunidade. As respostas são apresentadas na Figura 10. Pode-se observar que a comunicação entre os membros da ação foi classificada como ótima ou boa por 89% dos estudantes. Entretanto, a comunicação com a comunidade foi regular para 29% dos estudantes e ótima ou boa para 62%. Nenhum estudante afirmou que a comunicação foi ruim ou péssima entre os membros da ação. Também, para a comunicação entre a ação e a comunidade não houve respostas para a opção péssima, no entanto, 9% dos estudantes marcaram ruim para a comunicação com a comunidade.

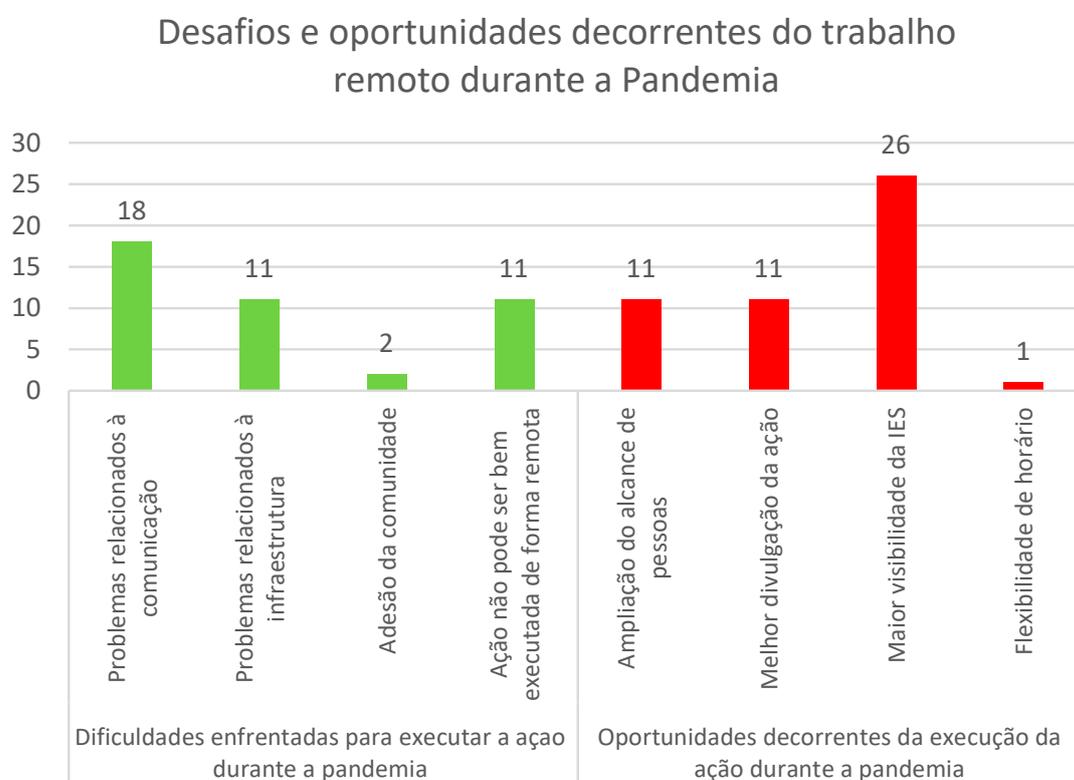


Figura 9 - Desafios e oportunidades decorrentes do trabalho remoto

Fonte: elaborado pelos autores.

Relação e conhecimento sobre a extensão da universidade

Nesta seção perguntou-se aos estudantes como ele se relaciona com a universidade a partir de seus meios de divulgação institucionais e o que ele conhece da extensão da Instituição para além das ações que ele participa. Os resultados são apresentados na Figura 11 na qual pode ser observado que 32% dos estudantes procuram a página da universidade na *internet* apenas para procuras específicas. Ninguém respondeu que não acessa a página da universidade. Por outro lado, 35% dos estudantes indicaram que não acessam a página da Pró-Reitoria de Extensão. As redes sociais são os principais meios de comunicação os quais os estudantes acessam, visto que 74% dos estudantes seguem, ao menos uma rede social da universidade. Evidentemente, o acesso a páginas e redes sociais não garante uma comunicação efetiva, mas o não acesso a estes mecanismos é garantia de uma dificuldade de comunicação e divulgação das ações de extensão, mesmo entre a comunidade discente da instituição. Nesse sentido, chama atenção o fato de os estudantes não acessarem ou acessarem as páginas institucionais apenas para demandas específicas.

Em relação às ações de extensão da unidade acadêmica na qual o estudante é vinculado, os dados apresentaram que 59% conhecem poucas ações, 32% conhecem poucas e apenas 3% marcaram não conhecer nenhuma. Já sobre as ações de extensão de outras unidades acadêmicas destaca-se o fato de 38% responderem que não conhecem nenhuma e 32% dizem conhecer poucas. Embora a unidade analisada seja situada em um campus fora de sede, esses números sugerem grande dificuldade de integração e divulgação da extensão da universidade. Os estudantes também conhecem poucas ações de outras universidades, visto que 44% responderam que não conhecem nenhuma e 50% conhecem poucas.

Por fim, perguntou-se aos estudantes sugestões sobre como os órgãos de gestão de extensão universitária poderiam atuar para mitigar as dificuldades encontradas. O aumento no incentivo de participação dos discentes foi o tópico mais sugerido, sendo citado por 23 alunos. Implementação de ferramentas e novos treinamentos específicos foi sugerido por 16 alunos, bem como auxílio na divulgação. Auxílio para eventos obteve 12 citações. Salienta-se que cada estudante pode marcar até duas opções entre quatro disponibilizadas.

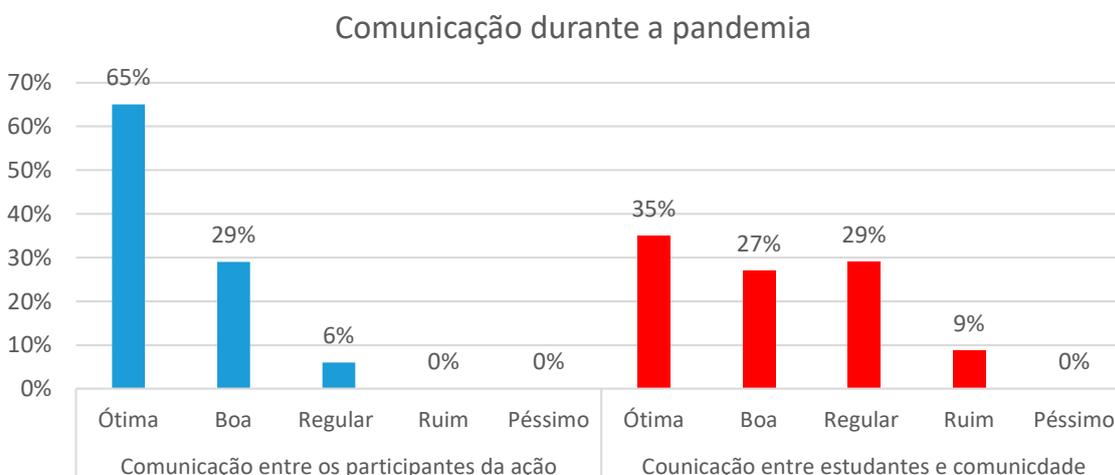


Figura 10 - Comunicação durante a pandemia

Fonte: elaborado pelos autores.

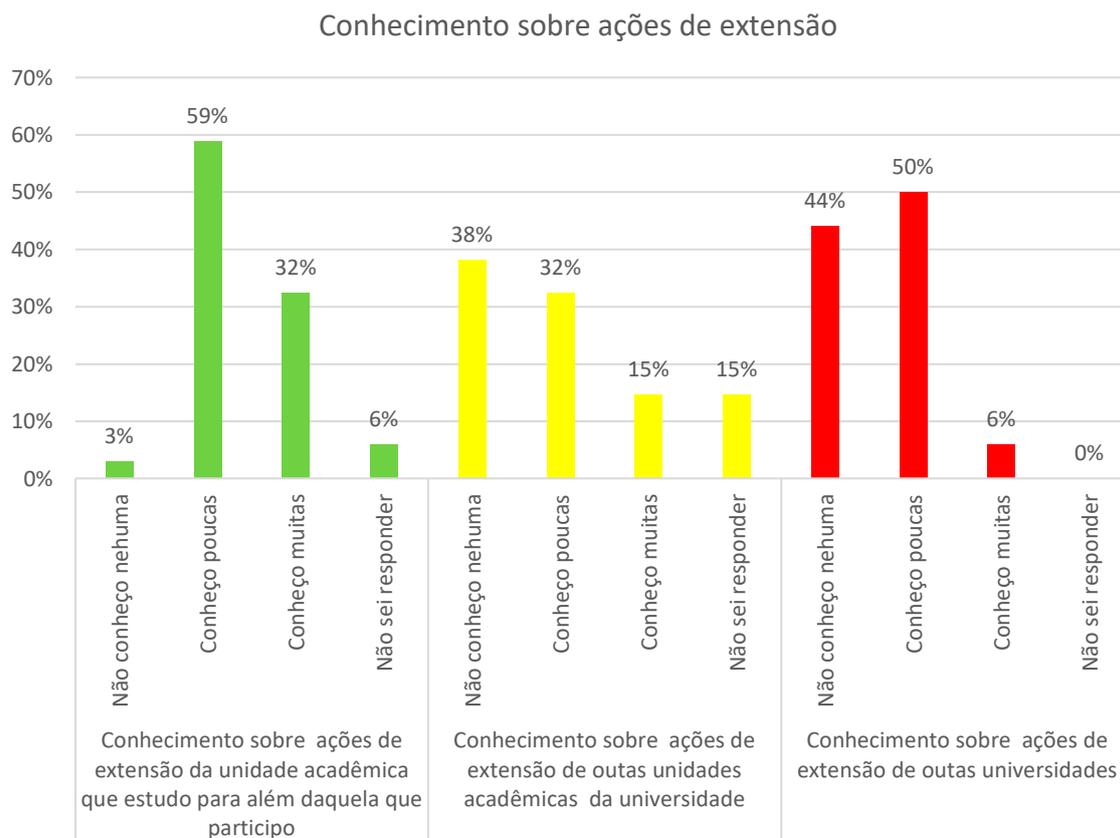


Figura 11 - Meios de comunicação institucionais e conhecimento sobre as ações de extensão

Fonte: elaborado pelos autores.

Discussão

No Brasil, quando se pensa em extensão universitária de qualidade, se pensa em ações de extensão que buscam cumprir as diretrizes da extensão como preconizado na Política Nacional de Extensão Universitária¹⁸. A perspectiva dialógica debatida nas obras de Paulo Freire estão sempre presentes nas mesas de debate sobre a extensão universitária. Todavia, este trabalho apresenta resultados que contribuem para o debate incessante sobre que tipo de extensão está sendo produzida. Embora os resultados sejam limitados pela coleta em uma única instituição, há questões que, no mínimo, devem suscitar reflexões de uma maneira geral.

Inicialmente, tem-se que 38% dos estudantes não conheciam nada de extensão antes de ingressar na ação e 62% afirmaram que possuíam conhecimentos parciais. Mesmo não medindo o que seria conhecimento parcial, tais dados corroboram com um problema já conhecido nas universidades, relacionados à dificuldade da extensão se posicionar frente ao ensino e à pesquisa em uma perspectiva de igualdade e indissociabilidade²⁶.

Uma segunda análise suscita a elaboração da primeira proposição deste trabalho.

Proposição 1: Os estudantes não associam efetivamente a extensão universitária como mecanismo de formação em uma perspectiva de educação emancipadora.

Tal proposição foi elaborada a partir das 19 respostas que foram obtidas para a pergunta sobre qual conhecimento participar da extensão trouxe para você. Era de se esperar, em

uma visão otimista da extensão como sendo importante na formação dos discentes, que as repostas fossem, em sua maioria absoluta, “Sim, muito conhecimento”. De fato, essa foi alternativa que mais apareceu (Ver Figura 3), no entanto, longe de ser a maioria absoluta.

Exercer a dialogicidade também é um desafio para as ações de extensão. Ao menos, é o que se percebe ao analisar as repostas deste trabalho. Os estudantes pouco participam da concepção da ação, o que parece ser uma barreira para a efetividade da dialogicidade. Eles também indicaram que periodicidade de comunicação possui média frequência. Apenas 18% classificaram como alta frequência. Ademais, um dos problemas enfrentados para execução da ação é a adesão da comunidade (Ver Figura 9). Nesse sentido, pergunta-se: como exercer o diálogo se a comunicação não é efetiva e se coloca como problema a adesão da comunidade? Portanto, faz-se a seguinte proposição:

Proposição 2: A Educação Emancipadora ainda é um desafio, mesmo para ações de extensão, especialmente em ações coordenadas por professores de áreas tecnológicas.

Portanto, a dialogicidade deve ser tema proeminente na gestão da extensão universitária. Mesmo docentes possuem dificuldades de praticar a dialogicidade²⁷, eventualmente, mais por falta de compreensão de como fazê-la que por intenção de não a praticar.

Outros aspectos que a gestão da extensão universitária deve se preocupar é fomentar a ocorrências dos processos avaliativos da ação, nas mais diversas nuances. A avaliação é um momento de reflexão importante²⁸ que pode ajudar na prática da educação emancipadora, da dialogicidade e da compreensão se a ação tem alcançado impactos na transformação social. Tendo em vista que 41% dos estudantes (embora seja a menor parte, tal percentual não pode ser desconsiderado) afirmam que não realizam autoavaliações e que 29% indicaram que as comunidades não realizam avaliações das ações de extensão faz-se a seguinte proposição.

Proposição 3: A Educação Emancipadora e o impacto na transformação social devem ser trabalhados em perspectiva reflexiva expressa em processos avaliativos que abordem autoavaliações (entre os membros da ação) e avaliação da comunidade.

Embora a pandemia e a conseqüente realização das ações de extensão a distância parecem ter tornado a dialogicidade ainda mais difícil, este formato e o uso das redes sociais oportunizaram maior divulgação das ações de extensão e da própria universidade. Portanto, a partir das redes sociais, novas relações podem ser estabelecidas.

Proposição 4: As redes sociais podem ser pontapés iniciais para a relação entre a universidade, mas não podem ser o fim desta relação. Além das redes, as universidades devem estruturar canais de comunicação que, não apenas divulguem as produções da instituição para a comunidade, mas permitam que pessoas possam participar da concepção de ações de extensão e projetos de pesquisa.

A comunicação, na sua mais ampla diversidade, parece ser um grande desafio para a universidade. Além de buscar ampliar a comunicação efetiva com a comunidade, as respostas indicam que, mesmo internamente, ainda não há mecanismos de divulgação e comunicação exitosos, visto que os estudantes procuram os meios institucionais apenas para propósitos específicos. Portanto:

Proposição 5: As universidades devem instituir mecanismos de comunicação que permitam aos estudantes e demais membros de sua comunidade acadêmica conhecer as suas ações de extensão e seus objetivos – para quê e para quem a extensão está sendo realizada.

Salienta-se que as cinco proposições expostas não pretendem, de nenhuma maneira, esgotar os temas que permeiam a gestão da extensão universitária. Portanto, fatalmente, há inúmeros temas a serem debatidos para que a extensão se desenvolva em uma perspectiva de cumprir as diretrizes da extensão universitária.

Considerações finais

Este artigo apresentou um diagnóstico de como estudantes extensionistas de cursos das áreas tecnológicas percebem a extensão, seus conceitos, suas características e suas diretrizes. Para realizar este estudo, analisou-se respostas de 40 estudantes que participaram de ações de extensão durante o ano de 2020.

Considerando que os participantes da pesquisa foram alunos extensionistas, esperava-se que as diretrizes da extensão aparecessem com maior ênfase nas respostas. Todavia, os resultados apresentam que diretrizes como a dialogicidade e impacto na transformação social carecem de maior debate, mesmo no seio das ações de extensão, ao menos na unidade acadêmica avaliada.

As respostas sugerem que há uma dificuldade de se estabelecer diálogos efetivos entre participantes das ações e a comunidade. Mostram também que os coordenadores da ação acabam, muitas vezes, por centralizar a comunicação com a comunidade. A comunicação, nas suas mais diversas nuances, aparece como grande dificuldade para execução das ações. Das cinco diretrizes da extensão universitária, o impacto na transformação social e o impacto na formação dos estudantes são as diretrizes que mais se constituem como focos daqueles que participam de ações de extensão. Embora a Pandemia tenha trazido muitas dificuldades para várias ações, as ações de extensão puderam alcançar novos públicos a partir do uso de tecnologias de informação e comunicação. Todavia, cabe salientar que não foi possível medir a qualidade dessas novas oportunidades de relacionamento.

Diante dos resultados apresentados, parece pertinente que os órgãos de gestão universitária, ao menos da unidade analisada se dediquem a aprofundar o estudo das diretrizes da extensão junto aos estudantes e coordenadores de ação que serão aqueles ajudarão nesse processo. Também parece ser importante que se desenvolvam novos mecanismos de comunicação entre a universidade sua própria comunidade acadêmica e entre a universidade e a comunidade. Os resultados apresentados ressaltam que os atuais meios dos meios institucionais de comunicação sequer alcançam a comunidade acadêmica da universidade.

A realidade encontrada nesta unidade pode não ser igual a outras universidade e unidades e, nesse sentido, parece ser importante que novos estudos em outros locais e contextos sejam realizados. É possível que os resultados apresentados neste trabalho sejam apenas dessa unidade, mas não sendo, esforços conjuntos poderão ser realizados para que a extensão produzida nas universidades se aproxime de uma extensão emancipadora como previsto na Política Nacional de Extensão Universitária.

Referências

1. HINTON, Karen E. **A practical guide to strategic planning in higher education**. USA: Society for College and University Planning, 2012.
2. SOUSA, Jonilto COSTA et al. Um estudo de caso do planejamento estratégico do IFB. **Revista ibero-americana de estudos em educação**, v. 13, n. 1, p. 89-106, 2018.
3. BOMANI, Mapeto; GAMARIEL, Gladys; JUANA, James. University strategic planning and the impartation of technopreneurship skills to students: literature review. **Journal of Governance and Regulation/Volume**, v. 10, n. 2, 2021.
4. BONZANINI, Osmar Antonio; FERREIRA-DA-SILVA, Amélia Cristina; LEITE, Teresa Gabriela. Aspectos da Gestão nos cursos superiores em Ciências Contábeis do Brasil: um estudo sobre a atuação dos Coordenadores. **e3-Revista de Economia, Empresas e Empreendedores na CPLP**, v. 3, n. 1, p. 52-74, 2017
5. KARWOSKI, Acir Mario; DOS SANTOS ROSA, Derval. Gestão acadêmica de cursos de graduação em duas universidades federais: a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e a Universidade Federal do ABC (UFABC). **Revista@ mbienteeducação**, v. 12, n. 3, p. 342-354, 2019.
6. BUGARIM, Jonatha Pereira; DONDONI, Dayanne Zanelato. GESTÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL. **Revista Portuguesa de Gestão Contemporânea**, v. 1, n. 01, p. 59-79, 2020.
7. BIAVA, Luísa; PAGANI, Camila; DE OLIVEIRA, Gabriela Costa. Indicadores de pesquisa científica como ferramenta para a gestão da universidade. **Brazilian Applied Science Review**, v. 3, n. 1, p. 69-91, 2019.
8. DE SOUZA, Donizeti Leandro et al. A perspectiva dos pesquisadores sobre os desafios da pesquisa no Brasil. **Educação e Pesquisa**, v. 46, p. 1-21, 2020.
9. TONIAZZO, José Carlos et al. Management of Research and Development Assets Based on Innovation Cycles. **Revista Geintec-Gestao Inovacao e Tecnologias**, v. 10, n. 2, p. 5367-5382, 2020.
10. DO CARMO FERREIRA, Maria; GUIMARÃES, Regina Guedes Moreira. A gestão da Extensão na UNIRIO no período 2004-2008: seguindo as trilhas do FORPROEX para avaliação. **Interagir: pensando a extensão**, n. 14, 2009.
11. ROVEDA, José Arnaldo Frutuoso et al. A diversidade e o alcance da Extensão Universitária. **Revista Ciência em Extensão**, v. 13, n. 4, p. 2-9, 2017.
12. KIENETZ, Taiani Bacchi; VIEIRA, Kelmara Mendes. Gestão da extensão na UFSM: uma análise a partir do balanced scorecard. **Práticas em Gestão Pública Universitária**, v. 3, n. 2, p. 58-78, 2019.
13. CHESANI, Fabiola Hermes et al. A indissociabilidade entre a extensão, o ensino e a pesquisa: o tripé da universidade. **Revista Conexão UEPG**, v. 13, n. 3, p. 452-461, 2017.
14. BARBOSA, Joyce Ellen Pereira. Ensino, pesquisa e extensão universitária: A indissociabilidade dessa tríade como método na formação do bacharel em direito. **Revista Estudantil Manus Iuris**, v. 1, n. 1, p. 38-42, 2020.

15. BRYSON, John M. Strategic Planning and. **The SAGE Handbook of Public Administration**, p. 50, 2012.
16. LACOMBE, Francisco José Masset; HEILBORN, Gilberto Luiz José. **Administração**. Saraiva Educação SA, 2017.
17. MOTA, Fabrício Gabriel; MENISTRINA, Tatiana; BARBOSA, Susana Claudino. Ética e Cidadania, Uma Visão Sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade nos Cursos de Engenharia. **International Journal on Alive Engineering Education**, v. 2, n. 1, p. 39-50, 2015.
18. FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA. **Política Nacional de Extensão universitária**. Manaus-AM, Maio de 2012.
19. DA SILVA, Fernanda IM Argoud; GARCIA, Rafaela. Curricularização da Extensão no Câmpus Itajaí do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)-conquistas e desafios. **Caminho Aberto: revista de extensão do IFSC**, 2019.
20. BENINCÁ, Dirceu; CAMPOS, Fernando Silva. Extensão popular: Uma proposta transformadora para a educação superior. **Dialogia**, n. 27, p. 145-156, 2017.
21. DE AGUIAR, Odaleia Barbosa; PADRÃO, Susana Moreira. Relato de práticas educativas em extensão com trabalhadores de restaurantes para promoção de alimentação saudável. **Interagir: pensando a extensão**, n. 29, p. 39-49, 2020.
22. CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa - método qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
23. FAGUNDEZ, Talita Adriana De Almeida; OLIVEIRA, Marta Olivia Rovedder. Extensão Universitária: A Percepção Dos Discentes Na Unipampa. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 3, n. 2, 2011.
24. PEREIRA, Victor Hugo et al. A Extensão Universitária em Cursos de Ciências Contábeis: a percepção de estudantes da Região Metropolitana de Belo Horizonte. **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**, v. 2, n. 3, p. 89-107, 2018.
25. FRANÇA, Franciele Coutinho et al. Percepção dos acadêmicos de saúde sobre atividades de extensão. **Espaço para a Saúde**, v. 22, 2021.
26. DA SILVA, Wagner Pires. Extensão universitária. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 11, n. 2, 2020.
27. CURI FILHO, Wagner Ragi et al. Compreensão das diretrizes da extensão universitária: uma visão a partir de coordenadores de ação de extensão de uma unidade acadêmica das áreas tecnológicas. **Além dos Muros da Universidade**, v. 1, n. 1, p. 38-55, 2022.
28. KIENETZ, Taiani Bacchi; VIEIRA, Kelmara Mendes; VISENTINI, Monize Sâmara. Extensão Universitária: avaliar para evoluir. **Teoria e Prática em Administração**, v. 10, n. 1, p. 111-118, 2020.